CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR

8 e 13 de Julho de 2012

A MORTE DE CARLOS GARDEL / 2011

um filme de SOLVEIG NORDLUND

Realização e Argumento: Solveig Nordlund a partir da obra homónima de António Lobo Antunes *Fotografia:* Acácio de Almeida *Montagem:* Paulo MilHomens *Música:* Pedro Marques *Guarda-roupa:* Ana Paula Rocha *Caracterização:* Sara Correia, Sano De Perpessac *Efeitos Especiais:* Irmã Lúcia *Interpretação:* Rui Morrison (Álvaro), Carlos Malvarez (Nuno), Teresa Gafeira (Graça), Célia Williams (Cláudia), Ruy de Carvalho (Sr. Seixas), Elmano Sancho (Álvaro, jovem), Joana de Verona (Leonor), Diogo Dória (médico), Miguel Mestre (Nuno, jovem), Teresa Faria (enfermeira), Albano Jerónimo (Ricardo), Maria João Pino (Cristiana), Carla Maciel (Raquel, jovem).

Produção: Fado Filmes (Portugal, 2011) *Produtor:* Luís Galvão Teles *Direcção de produção:* João Fonseca Teles *Cópia:* DCP, cor, legendada em português nos diálogos em inglês, 85 minutos *Primeira apresentação pública:* 5 de Setembro de 2011, no Douro Film Harvest *Estreia comercial em Portugal:* 22 de Setembro de 2011 *Primeira exibição na Cinemateca:* 9 de Julho de 2012 (“Um Ano de Cinema Português”).

Quando enveredou pela ficção de longa-metragem em 1981 com DINA E DJANGO, Solveig Nordlund filmou uma história de jovens amantes com juras de amor e um pacto de sangue, a partir de um caso criminal verídico relatado pela imprensa na Lisboa de 1974, inspiração folhetinesca e sob o signo dos tempos revolucionários. Três décadas depois, na primeira adaptação ao cinema de uma obra de António Lobo Antunes, A MORTE DE CARLOS GARDEL é também uma história de Lisboa com um adolescente no seu centro, sem crime mas seguindo a radiografia de uma morte e da perda que ela representa do ponto de vista dos adultos que lhe sobrevivem, sem apaziguamento, em confronto com as suas próprias histórias individuais. A vibração romântica de DINA E DJANGO distingue-se do desencanto doloroso e alucinado de A MORTE DE CARLOS GARDEL mas a ligação entre os dois filmes é permitida pela narrativa construída à volta de jovens perdições. Embrenhada nelas, a de DINA E DJANGO, um filme de cores fortes, era vermelha. Filtrando-as pela evocação, embora uma evocação “a quente”, A MORTE DE CARLOS GARDEL é tendencialmente mais sombrio.

O trabalho de Solveig Nordlund está, como se sabe, muito longe de se restringir a estes dois filmes. No cinema, em Portugal, iniciou-se em 1970 como assistente de realização, montadora, e realizadora, a partir de 1974 no contexto da cooperativa Grupo Zero, de que foi co-fundadora, culminando uma época em que se empenhou em filmes documentais de intervenção, alguns dos quais colectivos, participando em produções concebidas para televisão mas também, na segunda metade dessa década, filmando obras teatrais (MÚSICA PARA SI E E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?, de 1978/9, são os mais conhecidos). A solo, a primeira ficção fez-se no formato curto com NEM PÁSSARO NEM PEIXE (1977). Depois de DINA E DJANGO, que no início dos anos 1980 coincidiu com o final dessa primeira fase de trabalho em Portugal, voltou ao registo documental, na Suécia. Foi ainda aí que realizou o filme-entrevista com Marguerite Duras: MARGUERITE DURAS (1995) é um dos retratos de escritores por Solveig, que justamente dedicou pouco depois um outro a António Lobo Antunes – ANTÓNIO LOBO ANTUNES (1997), de novo filmado em Portugal (em 2009, Solveig regressou a Lobo Antunes com ANTÓNIO LOBO ANTUNES – ESCREVER, ESCREVER, VIVER). À ficção regressou com ATÉ AMANHÃ, MÁRIO, rodado na Madeira. Como os dois anteriores, também o filme seguinte, COMÉDIA INFANTIL (1998), foi uma co-

produção luso-sueca, adaptando um livro de Henning Menkel. Com APARELHO VOADOR A BAIXA ALTITUDE (2001), uma rara e surpreendente incursão do cinema português nos meandros da ficção científica, é J.G. Ballard o escritor que o argumento adapta (na verdade, Ballard é um dos “escritores de” Solveig), enquanto A FILHA (2003) parte de um argumento seu e de Vicente Alves do Ó. Já a curta-metragem O ESPELHO LENTO (um filme de 2009 estreado em 2011), baseia-se num conto de Richard Zimler.

Para A MORTE DE CARLOS GARDEL, do mesmo ano de 2011, Solveig Nordlund mergulhou então no universo de Lobo Antunes. Uma primeira vez, para ela e para o escritor. Era o último livro de Lobo Antunes quando Solveig se embrenhou no documentário que realizou sobre e com ele em 2008/9, o que terá influenciado a escolha da obra como a realizadora disse pela altura da estreia do filme, acrescentando tratar-se do seu romance mais cinematográfico: “Limitei-me de certa maneira à história. Usando uma certa liberdade no tempo e no espaço, tentei imitar a técnica que ele tem de partir de uma personagem para outra, sem grande explicação ou transição. Mas claro que não é como no livro. Quando escreve ele muda de personagem a meio de uma frase. O meu cinema é realista, por isso não seria possível, a não ser que fizesse um filme mais experimental. Mas isto é só uma história contada com frases de Lobo Antunes e, nos momentos mais emocionais, dou-me a liberdade de passar de uma coisa para outra sem mais.”

A *liberdade* que Solveig refere liga-se à complexidade da estrutura narrativa do filme, assente na convivência de tempos narrativos e pontos de vistas distintos, na sua composição em flashbacks motivados pela viagem introspectiva a que as personagens são levadas quando confrontadas com a situação limite da morte iminente do jovem Nuno, que jaz em coma numa cama de hospital. Se o filme maioritariamente adopta o ponto de vista do pai de Nuno, o Álvaro de Rui Morrison (interpretado por Elmano Sancho nos flashbacks da sua juventude), essa perspectiva não é exclusiva, permitindo as das outras personagens, nelas incluídas a do próprio Nuno. Mas é do lado da personagem de Álvaro que vem o elemento acrescido de *liberdade* narrativa, uma vez que é na sua cabeça, e na sua atitude, que uma vida marcada por um invulgar gosto pelo tango e em particular por Carlos Gardel, extravaza para o modo como lida com a perda do filho. Não podendo, à evidência, recusar a morte dele, recusa a de Carlos Gardel, que acredita descobrir num seu “impersonator português” nas horas vagas, taxista de profissão (Ruy de Carvalho). O carácter obsessivo da paixão de Álvaro pelos tangos de Gardel, omnipresentes no filme, é um ponto nevrálgico em termos narrativos e de registo, imprimindo uma marca subtilmente fantástica. Se A MORTE DE CARLOS GARDEL pressupõe um tempo presente que a todo o momento reivindica a evocação do passado (ou dos passados, considerando a fundamental questão da perspectiva) propondo um tempo de reflexão (ou tempos de reflexão), a dimensão *fabulosa* inerente à evolução da personagem de Álvaro introduz ainda um outro tempo, interior, não necessariamente ancorado na realidade e teimosamente paralelo à aflição quotidiana. No modo como ele progressivamente se instala radica o inquietante espectro fantasmático de A MORTE DE CARLOS GARDEL.

Maria João Madeira